



OS PENSOS DE FÍGARO

GIL NUNES



OS PENSOS DE FÍGARO

GIL NUNES

editame

Ele é o Fígaro. Saiu do ginásio com a camisola manchada em suor. Desceu as escadas que dão acesso ao lóbi com passos vigorosos, nem sequer reparando na lixívia que ainda as polia. Os pés, rectos e esguios, adaptavam-se bem às sapatilhas americanas, isto apesar de não ser o seu calçado habitual. Usava fato e gravata. A partir daí ninguém olha para os sapatos. Aliás, eu não percebo por que motivo a indústria de calçado ganhou tanta pujança ao longo da história da humanidade. D. Afonso Henriques degolou mouros e ninguém reparou nos sapatos. Digo-vos eu, ainda bem que hoje não temos de dar um chuto nos espanhóis e esbofetear os islâmicos. A esta hora ainda estavam os gabinetes de assessoria dos governantes a argumentarem que a morteirada lateral provocava mais danos a longo prazo no córtex cerebral que a simples facada no coração.

Fígaro é o Primeiro-Ministro do país das caricaturas. Daqueles que é observado pela aura matinal com suspiros de oiro transparente. Mas não se aprecia nada em Portugal. Pensa-se. Ou melhor diz-se que é uma espécie de apreciação e pensamento. Um sei lá o quê. Uma das coisas que mais gosto de fazer é ir ao teatro e apreciar a plateia. Chamem-me de revolucionário, mas gosto de ver o reverso da medalha. Reparem bem que a maior parte das pessoas não faz

a mínima ideia do que está a ver. A meio da peça desviam o olhar para os tectos da capela sistina. Nessas alturas, zau! Fitem-lhes o olhar. A sério, vale a pena! Passam pelos vossos olhos com o pé no acelerador e olham para o Ruy de Carvalho como se estivessem a ver o Santo Sudário a ser colocado no cimo da Torre dos Clérigos.

Enfim, esta história passa-se no país onde tudo se repara. É noticiado. Fígaro gostava de usar gravatas finas para aparecer na televisão. Dizia que as listas azuis caíam nas boas graças da população. Aquelas listas brancas, diagonais, tinham sido recomendadas por um gabinete. Que por sua vez tem gente especialista em riscas de gravata. E por aí adiante até à sedutora definição de “off-shore”. O anglicanismo, ou palavras com “k”, era muito usado na política. Em certos discursos, Fígaro parecia mesmo a “Jéssica Imigrante”. Mas sem sotaque. Tudo no pleno cumprimento das regras da lusofonia estabelecidas pelas quinas da bandeira.

Depois do banho, Fígaro começou a vestir o fato-de-treino que lhe cobria o corpo como se de epiderme se tratasse. Apertava-o quando estava tenso, mas desprendia-lhe o fecho “Éclair” para fazer “pendant” com os seus cabelos ao vento. Ou melhor como alguns cabelos. Porque aquela cabeça não tinha falhas. Um cabelo castanho, com algumas brancas que ao longe passavam despercebidas. Aquilo não era bem uma risca ao lado. Se virmos bem, com a evolução da contemporaneidade, também os cabelos adquiriram uma nova dimensão.

Eu quando era pequeno costumava chumbar a Matemática. Acreditem que hoje até digo isto com um certo orgulho.

– Eh pá, eu era um aluno razoável mas aquela cena dos números... nunca fomos muito à bola, ‘tás a ver?

E a partir desse momento o meu ego recarrega-se.

– Deixa lá, mas eras bom a outras disciplinas. Não saber Matemática não quer dizer nada!

Levanto-me da cadeira, ajeito as golas e peço ao grupo para me deixar cantar “La Isla Bonita” no karaoke. Canto com a dignidade de um lorde. Quando estamos bem até conseguimos cantar como a Madonna. Bem, pelo menos pensamos que estamos quase lá. Seria

efeminadíssimo estar a pensar nesse desfecho, até porque não se coaduna com os ditames sociais que eu tanto apregoo. Peço ao posto alfandegário da minha masculinidade um regime de excepção para comigo partilhar este momento de júbilo. E assim fico, de cabelos ao vento, que cresceram num ápice da minha careca, entretanto frutífera como um manjerico no São João.

E à risca ao lado acrescento alguns graus mais a norte. Um toque capilar de Midas, naquele dia em que Midas mandou uma posta para o ar como quem não queria nada com o assunto. É como a Matemática. Podemos nem sequer saber andar de bicicleta mas, sem pedais, podemos transportar um capacete aerodinâmico. Foi o que me aconteceu naquele dia em que tive mais uma magnífica negativa a Matemática. Porém, naquela parte fundamental da matéria que é a trigonometria, consegui resolver um problema que mais ninguém na turma conseguiu. Assim Leibniz começou o seu percurso. Eu, como nunca gostei de nada alemão tirando o sempre fiável Volkswagen, decidi enveredar por outra área. O Fígaro também. Era engenheiro.

Os seus pais, de classe média, sempre lhe deram uma visão harmoniosa da realidade. Não fazia sentido ser o mais rico do cemitério. Aliás, no cemitério, a única moeda que conta são as memórias. E pelo menos, na vida, adquirir alguma imortalidade. Foi assim que Fígaro chegou ao poder. Da Associação de Estudantes à Jota foi um instante. Se querem que vos diga, nunca percebi por que motivo tem de se fazer uma espécie de carreira paralela para podermos ascender à política. Como se fosse uma pós-graduação constante, que de um momento para o outro transforma tudo o resto em pós-graduação.

Fígaro é o Primeiro-Ministro de um país “costeleta de porco”. Nunca gostei de chegar a casa e ter à minha espera uma costeleta de porco. Perguntem a quem quiserem. Não deverá haver alma viva que responda que o seu prato predilecto é costeleta de porco. Digo-vos, prefiro de longe uma boa costeleta a um kebab. Para já apresentam-nos um tortumilho cilíndrico, gigantesco, que vai sendo cortado à medida das necessidades das pessoas. Depois, as

mãozinhas balofas dos cortadores vão transportando os germes para dentro das respectivas sandes. O que comemos a seguir é simplesmente uma mistura biónica, tecnologicamente alterada de algo que supostamente foi carne. Deste modo, coloco em cima da mesa a seguinte pergunta. Quem é que não prefere um rodízio a um kebab?

Meus amigos, o rodízio está a dar sinal de crise. A globalização trouxe consequências para a balança económica internacional e há que ter coragem para enfrentar a situação. Portugal está a ser colocado em teste, tal como foi sempre colocado ao longo da sua história. E venceu! Bordado a linho e enxaguado a água benta, era esta a linha mestra do discurso que Fígaro proferia nas suas intervenções.

– “Sou um gajo mesmo motivador, foda-se” – pensava para ele mesmo, após mais uma subida ao palanque.

Fígaro considerava-se uma “Cleópatra dos tempos modernos”. E o séquito era basicamente o mesmo. Só lhe faltava o nariz pontiagudo para ficar com o charme egípcio. Mas tinha um cabelo impressionante. Toda a gente, até as revistas internacionais, apreciavam a sua silhueta geometricamente testada, o passo firme e seguro, e o olhar charmoso, de soslaio assumido à matador algarvio. Entre Fígaro e o seu séquito havia uma empatia invisível, que tornava a equipa fluida como um piano em plena Opera House de Sydney. Após o primeiro sinal de regurgitação do líder, todo o séquito respondia com uma estrondosa risada 2,5 segundos depois.

Foi o primeiro líder mundial a ter um carro oficial descapotável. E usava-o nas deslocações ao ginásio. Com o cabelo ainda salpicado de pequenas gotículas – fundamentais na obtenção do estilo característico – e umas dedadas de espuma imperceptíveis, cujo frasco guardava num frasco secreto, encarou Zihuatanejo com a mesma ambição que um dia Infante D. Henrique contemplou Sagres e o Atlântico.

Zihuatanejo, a Ponte 25 de Abril. Ou a Ponte Salazar, como lhe queiramos chamar. Olhem, para mim, a definição é absolutamente indiferente. Toda a gente, independentemente do esquadrão

político a que pertence, pretende uma sociedade mais justa, mais segura e menos corrupta. Salazar colocou-a mais segura e menos corrupta. Está a ganhar 2-1. Na minha óptica, toda a política actual é uma espécie de regresso ao Estado Novo mas por estradas tumultuosas. Basta mudarmos os nomes. Se não acreditam no que eu digo, faço-vos um desafio. Ponham-se “cara a cara” com um tipo chamado Cassius Clay e experimentem chamar-lhe um nome bem agressivo. Se levarem um teste bem redondo de um fulano que se diz Muhammad Ali não digam que não avisei!

Discretamente, como quem pede um guardanapo num restaurante, Fígaro pediu a Justino que lhe abrisse o tejadilho do carro. Os óculos de sol já estavam colocados. Como um menino que se estica para o ouvirem no coro, equilibrou-se nas pontas dos pés e, fingindo ser um comparsa para todo o séquito, desfrutou dos três segundos mais fantásticos do seu dia.

– Que manhã magnífica, não acha Justino?

É como diz a música do Rui Veloso. À volta toda a vida se compraz, enquanto um sargo assa no braseiro. Dizem que a vida pode ser como um relógio, mas eu prefiro compará-la a um interruptor: umas vezes para cima, outras para baixo. Para Fígaro, a vida era o somatório das pessoas que o rodeavam. E também da colecção de pequenos momentos de que dispunha.

Enquanto o carro percorria o caminho até casa, Fígaro saudava os demais com um ligeiro aceno papal. Como gostava de ser, um dia, o Papa. Na verdade, o Papa é fruto da vontade terrena, e não de um divino partilhado. Não se iludam, que não é o Saramago quem vos escreve estas linhas. Eu sempre que vejo o Papa na televisão lembro-me do Indiana Jones. De chapéu ruçado e chicote em punho, o homem bebeu a água benta do Graal mais rudimentar que havia nas catacumbas de “A Última Cruzada”. Hoje, o Papa calça Prada, veste umas batinas bordadas a ouro e tem uma data de artefactos milionários que simbolizam a verdade, a integridade e a justiça.

Aliás, eu sempre que me lembro do Papa, vem-me à memória o Carlinhos, que é o miúdo gordinho do outro lado da rua. O puto faz colecção de pins. Para ele qualquer pin tem um significado especial:

seja aquele que tem o símbolo dos Los Angeles Lakers, a bandeira da Bulgária, ou o logo da Pizza Hut, naquele dia em que se embebedou com a gordura da pizza. A diferença entre o Papa e o Carlinhos é simplesmente o tamanho do mundo onde estão inseridos.

Para Fígaro o mundo é rectangular. E num dos lados tem água, muita água. A sua casa tinha uma vista esplêndida para o Atlântico. Na sua varanda, o pôr-do-sol era capaz de desenhar um Rembrandt todos os dias. Ao final da tarde, quando os céus trocavam de turno, até os pássaros eram chamados a desenhar a cena. Eu já ouvi dizer que a vida é tão simples como cortar uma fatia de bolo. Naquela casa, porém, cortavam-se uvas passas com facalhões “Ginsu” enquanto se bebiam sopas com colher de chá.

Marta, a mulher de Fígaro, andava a dar umas voltas com Jackson, o professor musculado do ginásio. Neste caso, o corno era o primeiro, e das poucas pessoas, a saber. Havia ali uma espécie de acordo invisível: tu podes andar com o brutamontes, eu finjo-me de parvo; na vida pública transparecemos a imagem do casal perfeito. Não, nem o Tratado de Tordesilhas foi tão bem redigido e interpretado. Fígaro não era o D. João II, mas revia-se nele. Um homem visionário, que descobriu os segredos do mar e o tornou português, navegável. Era dali, daquela varanda, que sonhava, enquanto caminhava com a mão no bolso das calças vincadas.

O Joaquim, assessor de Fígaro, era careca. E gordinho. Era a fiel personificação da vítima do “bullying” feito homem. Tinha crescido nas primeiras filas da escola e sido a principal fonte de apontamentos para o êxito dos colegas. Dava-se bem com a Matilde, aquela miúda de óculos garrafais, em que ninguém pegava. Mas era inteligente, o rapaz. Super campeão das olimpíadas de Matemática e de Física, despertou a atenção dos professores ao mesmo tempo que lhe espetavam com “panikes” na camisa branca todos os intervalos. Aqueles intervalos eram um martírio para ele. Ainda se lembrou de criar um pseudoproblema na bexiga para ver se passava os intervalos na casadebanho, mas esqueceu-se que a voz se propagava para lá das paredes.

Aprendeu a sofrer. E a lutar. A transformar tudo em fúria, von-

tade, disciplina. De tal forma que, tal como Fígaro, da Associação de Estudantes à Jota local também foi um pequeno passo. Desenvolveu os seus dotes de orador. Por muito que continuasse a falar em público, a timidez não o largava. Eram as pernas que tremiam e davam chutos invisíveis no azoto. Os dedos que estalavam e interrompiam o ritmo suave com que se deveria esfregar as mãos. Ou aquele subtil tremelicar da voz que não conseguia enfrentar o microfone.

A cabeça, no entanto, estava pura e imaculada. Disse uma vez o Franklin Roosevelt que precisamos de acção... e acção já! Ordem congeminaada naquele cérebro, todos os neurónios se transformavam em escrita. Ordens incisivas, práticas. Não havia curtas nem longas-metragens naquele indivíduo. O “penso logo faço” era tão imediato como apertar os botões das camisas coladas ao corpo que usava, que ainda davam mais saliência à sua barriga, repleta de cozidos e caldeiradas.

E assim nasce o marketing. Poderíamos filosofar. Será que temos imagens pré-estabelecidas que nos permitem melhor captar uma mensagem? Para isso tínhamos de pensar na nossa existência em três capítulos: vida, morte e algo antes da vida. Aí teríamos adquirido os conceitos de belo, de justo, de movimentado. O chip, antes de a imaginação humana o ter descoberto, foi criado divinamente num suspiro de encanto. O Platão, no “Fédon”, tinha razão. As regressões, às vezes, são bem mais produtivas que as progressões.

Mas falemos de coisas bem melhores. A Laurinda faz vestidos por medida. O rapaz trabalha nos computadores, que é uma ferramenta que Joaquim pouco utiliza. Ao vermos o seu gabinete, onde uma janela abre para que o pó se extraia à moda antiga, parece que entramos nas antigas instalações da PIDE. Nunca se viu tamanha concentração de capas de argolas por metro quadrado. Aquele tipo deve ter arquivadas as composições que escreveu na escola primária sobre a vaca.

– E os computadores, se avariaram, o que se faz com eles? Ao menos os meus ficheiros são de carne e osso, respiram como as pessoas, dizia, vezes sem conta, contemplando a sua biblioteca infinita.

No meio daquele atentado à sustentabilidade ambiental, saíam os melhores raciocínios que governavam o país. Era um quase ministro – sombra dos outros ministros. Era um assessor, que no seu âmago não era o assessor. Joaquim era o Primeiro-Ministro que toda a sogra gostaria de ter, com excepção da sua calvície polida. Ainda tinha trinta e poucos anos e já não havia salvação possível para aquela falta de cobertura. Eu acho que nem recorrendo aos milagres da medicina. Para piorar o cenário, Joaquim era tradicionalista. Fígaro recomendou-lhe, vezes sem conta, a rapadela global, para que a cabeça ficasse lisa num todo. Mas não. Aquele fulano preferia andar aí apenas com o seu penacho traseiro, num cabelo que espigava nas pontas e delimitava em si mesmo a poça do transpirado. Um verdadeiro Brad Pitt!

Há manhãs em que a vontade de se sair da cama é praticamente nula. Eu, da minha parte, gosto de viver na ilusão de que a preguiça é a mais sublime das demonstrações de inteligência. Li isso uma vez num artigo, e continuo a fazer disso a minha “Bíblia”. O meu sono é uma reflexão invisível e registada internamente sem meu conhecimento. É aquele funcionário que nunca sabemos o que está a fazer, mas que no fundo se encontra atarefado na senda do progresso da empresa. Assim eu durmo, em comunhão com os meus lençóis. Só um motivo ou uma preocupação fortes me fazem levantar da cama.

Para Fígaro a questão era dúbia. Se por um lado gostava de continuar agarrado aos “braços de Morfeu”, por outro sabia que acordado iria ser o centro das atenções. Marta, essa, já se tinha encaminhado para o seu grande prémio de futilidades – cabeleireiro, esteticista, reflexão, pequeno-almoço junto ao rio, reflexão, ginásio, reflexão, compras, reflexão e jantar. Fígaro lidava com Marta como uma espécie de candeeiro: ficamos com eles tranquilamente até à altura em que estes nos começam a dar problemas. Mudamos a lâmpada e vemos se tudo regressa ao normal. Marta era assim mesmo: quando estava no sistema de baixo consumo era o ideal; em halogéneo, bem, é sempre uma segunda escolha, mas também ninguém está para se aborrecer por causa disso.

Hoje era dia de inauguração da piscina. Ao cappuccino matinal juntava-se agora Vítor Diogo, o homem forte do protocolo e das relações públicas do Governo. Se repararem bem, há sempre dois pontos de passagem obrigatória numa imagem: o focado e o desfocado. No focado vemos o interveniente principal; no desfocado vemos uma data de intervenientes colocados sob uma ordem arbitrária. Certo? Não, errado! Vítor Diogo era o focado dentro do desfocado. Se o desfocado ganhasse focos, Vítor Diogo equiparar-se-ia a Fígaro.

Alto, largo de ombros, na desfocagem podia ser confundido com um segurança. Só por dizer que os fatos Zegna lhe davam um ar de quem, nem por sombras, passava a vida a fazer rondas e a anotar presenças no livro de entradas e saídas. Aquele homem concentrava em si a firmeza do estatuto britânico e a elegância da passada italiana. Fígaro apreciava-o bastante e, ainda por cima, era de confiança. Ah, e preciso como um relógio suíço. Só por uma vez se atrasou cinco minutos. Foi sincero, deve ter adormecido mesmo. Para hoje a táctica era simples: falar apenas do interesse da piscina como infra-estrutura de serviço à população, evidenciar o esforço feito pelo Governo para proporcionar melhor qualidade de vida aos cidadãos, e não entrar em guerras políticas, até porque estamos a chegar ao Verão, e o Campeonato do Mundo está aí a porta.

Na piscina municipal de Lisboa, um primeiro séquito já se encontrava no local. Dali saíam mensagens telefónicas para um segundo séquito, que por sua vez dizia que estava tudo a postos. Há uma definição que eu gostava de introduzir na enciclopédia mundial: o luso-criacionismo. Um mundo todo português, em que Reykjavik, por exemplo, seria a capital da posta à mirandesa. E Deus criou Adão, Eva e o Alves. Não vos vou maçar, pois sei que todos estão a par das funções dos dois primeiros. E o Alves controla: é aquele sujeito de fato e gravata que se encontra a par de tudo, circulando de um lado para o outro, para dar dinamismo ao cenário.

Fígaro tinha muitos “Alves”. Realizam, geralmente, percursos de ida e volta, verificando as coisas, e garantindo a efectividade das mesmas. Um dia, Deus assim pensou quando criou o sistema solar e todos os planetas à sua volta. Depois mandou lá o Alves.

– Sim, está tudo a girar. Aquele Plutão, se calhar, ficava bem um bocadinho mais robusto, não acha? E aquele cinturão de Kuiper, talvez, mais centrado em Neptuno e Urano, o que diz?

E o carro de Fígaro chegou à piscina. O Vítor, que ia à frente, saiu primeiro e começou a dar os primeiros bacalhau. Seguiu-se Fígaro, com a habitual desenvoltura. Um dos seus Alves, em surdina, dizia-lhe os nomes das pessoas que cumprimentava. Era esse o seu trabalho: conhecer pessoas, pois o seu líder fazia questão de tratar todos pelo nome. Em caso de dúvida, mediante a farpela e o comprimento do séquito, as instruções eram simples: ou era Sr. Embaixador para os fatos mais compridos, ou Sr. Doutor para os fatos mais curtos.

O Presidente da Câmara espirrou as balelas do costume. Uma piscina que servia a comunidade, feita com os impostos da comunidade, para os filhos da comunidade poderem ter aulas gratuitas de natação. E os funcionários também eram da comunidade. Há alturas da vida em que todos somos poetas. Estamos sós no meio de multidões. É fantástico. Temos a capacidade de deglutir um discurso pachorrento e, ao mesmo tempo, pensar noutras coisas completamente fora do local onde estamos. Nas compras do supermercado, na mulher chata e rabugenta, ou simplesmente naquele inesquecível golo do Messi. Dividimos o nosso cérebro em dois: de um lado, o piloto automático ligado e as estratégias de cooperação e sinergia política em prol do desenvolvimento idealizado pelo partido; do outro, uma lata de atum, seis iogurtes e uma embalagem de Calgonit.

Depois, foi a vez de Fígaro subir ao púlpito. O Governo não poderia estar mais contente com a construção desta piscina. Estava radiante! Sempre que se fala de um programa de Governo está em cima da mesa a construção de novas infra-estruturas reprodutivas para o interesse das populações. Que sirvam as necessidades dos presentes e que perdure no tempo para os vindouros. Com menos de cinco minutos de discurso, Fígaro já tinha conseguido colocar em transe toda a plateia. Até já lhe tinha passado pela cabeça fazer um teste:

– Esta infra-estrutura revela a firmeza de uma posição política,

a concretização de um objectivo, e o pleno usufruto da comunidade ao qual o Governo se associa. Eu gosto muito de bacalhau com natas. Mais uma prova de que todos, ambos os agentes – poder local e poder central – conseguem afinar os seus discursos e chegar a acordos quando está em causa o interesse das populações.

Eu acho que seria como tirar uma fotografia na lua. O “flash” demoraria fartos segundos a irromper as barreiras do transe. Necessitaria de visto e de passaporte. Porém, há sempre alguém que resiste agora e sempre ao invasor. Nestas inaugurações as crianças marcam sempre presença. Fala-se um, dois minutos e depois desligam o interruptor. Ficam irrequietamente verdadeiras. Dão lições aos adultos. Não colam muito no poder do discurso. Preferem o colega do lado que faz figuras tristes, ou então o digníssimo acto de tirar catotas do nariz. Nós, não. Temos de ficar com os braços estendidos ao longo do blazer, a abanar a cabeça, e a fingirmo-nos muito interessados. É um dos piores legados do adulto. “Porque fica bem”, “tem de ser”, “são regras sociais”. Mas o que são regras sociais senão ditames do homem? Conhecem outra criatura mais imperfeita à face da terra? O meu cão, pelo contrário, lambe o rabo, e urina na cozinha. É livre, feliz, como um balão de São João. Tem o passaporte carimbado para fazer tudo o que quiser. Até pode passar fronteiras. Entrar na Mongólia, na Palestina, no Uzbequistão. Não tem nacionalidade. Desculpa lá, ó Pessoa, mas é o meu cão que nada tem e tudo tem.

E aquele puto, com o cabelo espetado à Tintim (que já não se usa a não ser na RTP Memória), tinha alguma coisa que o marcava para além da espuma. Era observador. Não, um miúdo com dez anos não pode ser observador. “Deve ser porque tenho algum bicho na cabeça” – pensava Fígaro – que concluíra o discurso perante o gáudio da população. Palminhas.

Marta usufruía de mais um dia fotocopiado. Levantara-se da cama para lá das 11 da manhã, mas não o suficiente para se dizer que dormira toda a manhã. De pantufas exageradamente felpudas para o Verão, chamou Carolina – a empregada – para um pequeno-almoço reforçado. Afinal de contas, os passeios pelos centros comerciais da

capital impunham uma pratada extra de cereais. E todos nós temos amigos telepáticos. Não é necessário telefonar-lhes. Basta pensar neles que, num ápice divino, nos batem à porta com uma desculpa esfarrapada de conversa. Lena e Susy (As Rainhas do Filmezinho) esgueiravam-se no alpendre.

Para caracterizarmos uma “Rainha do Filmezinho” temos de plasmar o conceito noutras realidades. É a tal história de que um cabelo na sopa peca por excesso, mas na cabeça de um careca peca por defeito. Uma “Rainha do Filmezinho” deve ser enquadrada no contexto social. Por exemplo, uma “Rainha do Filmezinho” que trabalhe é uma “Visita-Gabinetes”: cusca aqui, cusca acolá e daqui por uma hora vai pedir bolachinhas à sala da vizinha. E “aguinhas” e “pecinhas” de fruta consequentes até perfazer o filme do dia. Já uma “Rainha do Filmezinho” pobre é uma alcoviteira. Perde-se na imensidão dos lavadouros e das varandas enquanto fica a saber que o filho da Micas anda a trair a Andreia com uma brasileira. Ai que pouca-vergonha!

Como podemos ver, tal como na sociedade, o estatuto de alguém é definido pela posição que ocupa dentro da mesma. De Lena e Susy (As Rainhas do Filmezinho) não há dúvidas: são “Rainhas do Filmezinho” na verdadeira acepção. Se uma é casada com o Secretário de Estado amigo de Fígaro, a outra enviuvou há uns anos de um cirurgião, mas a ligação quase umbilical a Lena fez com que o seu estatuto nobiliárquico se mantivesse intacto. Cumpre todos os requisitos, portanto.

O pequeno-almoço prolongou-se de tal forma que o almoço já nem fazia sentido. Ou seja, se contarmos todo esse tempo podemos chegar à conclusão que mais valia a Marta ter ficado a dormir. Mas ela não era matemática. Aliás, se o universo lhe tivesse dado mais tempo teria sido pintora. Ou outra fortuna na escola: os professores, ano após anos, teimavam em não simpatizar com ela. Agora, olha, tinha de dormir com o Jackson do ginásio para se sentir mulher.

Para percebermos o porquê desta traição de Marta, há que debulhar todo o conceito de mulher que se preze, desobediente aos trâmites de uma sociedade machista. Ou seja, antes de mais, a

igualdade entre sexos é uma treta. Em qualquer situação de conversa há um sujeito “A” que exerce uma superioridade em relação ao sujeito “B”. As mulheres já não vivem na ilusão há muito tempo.

Uma mulher que se preze tem um “namorado” ou “marido”, e um “quicucho”. O “quicucho”, ou “patatucho”, é um tipo que vive na ilusão constante de que pode conquistar a amada em questão. A mulher, por sua vez, aproveita a ingenuidade do “quicucho”, do “patatucho”, para o transformar num “massaja-pés”, sinónimo de adoração à boa maneira de Cleópatra (personagem que já aqui referimos).

Mário (o “Quicucho”, o “Patatucho”) é um “quicucho” apoiado politicamente por Fígaro. “Corno por corno, que seja o Mário a ficar com ela” dizia, muitas vezes, no seio dos seus amigos mais próximos. Solteiro até perder de vista, continuava a dobrar o pijama e a ouvir as músicas dos anos 80 no gira-discos. Tudo isto acompanhado por um whisky milenar, comprado numa já defunta loja de free shop do aeroporto de Milão. Tinha andado com Fígaro na escola. E os talentos vieram à tona, de forma antagónica: um deitava cá para fora, para a plateia, e chegou a Primeiro-Ministro; o outro metia a cabeça na areia até se afogar numa biblioteca e tornar-se professor de História Medieval Portuguesa na universidade. Pena que ele e o Joaquim nunca se tivessem aproximado em conveniência.

Os dias passavam como manteiga no pão. Isto é válido se tomarmos em linha de conta as definições tradicionais. Para tal, há um elemento que tudo verifica: os desenhos das crianças. Peçam a um puto para desenhar o que entende por manteiga: lá vai ele, lentamente, construindo o seu pacote de “Becel”, com uma vaquinha muito linda na embalagem. O pão, por sua vez, é representado como um naco irregularmente redondo, com rugas em todas as suas saliências. Até aqui a geografia ocupa um lugar de destaque. Agora, imaginemos que se trata de um miúdo de Avintes: as probabilidades de desenhar uma broa são bem mais elevadas. Um açoriano, por exemplo, desenharia mais vaquinhas na embalagem. Se fosse um açoriano da classe média-alta, poderia representar um daqueles pacotinhos de manteiga que se vêem nos restaurante mais chiques,

acompanhados por uma requintada garrafa de Evian. Ou seja, temos aqui um problema.

Mário gostava de Marta, mas como tinha uma timidez respeitadora não se aproximava demasiado dela. Impasse. Foi assim que a perdera para Fígaro, bem mais expedito na aproximação à área e concretização da oportunidade em golo. Tinha em Fígaro um aliado, mesmo nunca lhe passando pela cabeça que ele estivesse em tal posição. O seu pão, esse, estava bolorento e mal representado. Para seguir o seu coração, era necessário transformarem-se côdeas em bicos-de-pato. O quê? De um momento para o outro vai deixar a poesia trovadoresca, fazer uma tatuagem e dizer a toda a gente que sempre fora fã de Alice Cooper? E se ainda fosse, tal iria garantir a aproximação a Marta?

Ciente, mas imune a tudo isso, Fígaro fixava o miúdo da piscina como se fosse o filho que nunca tivera. Não o olhava nos olhos, mas sim na testa. Ainda passou pelo espelho para ver se tinha alguma borbulha. Apenas resquícios de gel, mal saídos do banho e imperceptíveis àquela distância, provenientes da fisgada de um par de olhos que não tinha chegado à fase adulta. Mentira. Hoje, o penteado tinha-lhe saído bem, mas não tão bem. Já diziam os “Rádio Macau”: há dias assim. Dias de alma vaga.

As persianas eléctricas fotovoltaicas, um dos “ex-libris” da casa inteligente de Fígaro, não impediram que o sol entrasse pelo seu quarto e, naquela manhã, o despertasse. E o sol é uma coisa soberba. Primeiro, porque o podemos apelidar de coisa e ninguém ficar chocado. Depois, porque está aqui desde os princípios dos tempos, viu 50% das coisas e nunca falou. Da mesma maneira que vê um acidente de jipe na Mongólia, também acompanhou o Amundsen, de soslaio, quando ele chegou ao pólo sul. Por isso é que as grandes asneiras da nossa vida se cometem à noite. Nessa altura, o sol está do outro lado, observando os passos de outros mentecaptos como nós, que atravessam os dias buscando problemas para nos entretermos. Como eu costumo dizer, Deus é o sol, e a lua o seu Isohunt. Um dia mais tarde, quando a humanidade não existir, o sol há-de pegar nos filmes sacados na Internet, e deliciar-se com

os episódios que não viu. E depois encaixar tudo para o juízo final.

Para Fígaro, aquela era uma segunda-feira parecida com tantas outras. Hoje, não podia haver falhas. Champô na dose certa, abundante quanto baste para não se transformar em papa. A embalagem recomendava algo como uma colher de chá, mas é preciso ver que se trata de um tratamento especial e que estamos perante uns cabelos magníficos. Uma colher de chá e mais qualquer coisa, portanto. E com uma estrela na mão direita, vinham do cais, da outra margem do poliban. Ainda não tinha sido dado o tiro de partida para a água descer do chuveiro, e já o champô estava geometricamente atestado na sua mão. O momento era de alta tensão. Quando as primeiras gotículas caíram, Fígaro passou a mão pelo cabelo com suavidade, começando pelo penacho, e depois deixando escorrer, até que o champô seguisse o seu trilho natural, terminando nas orelhas. Agora, a água parava, por dois motivos: era necessário poupá-la e este gesto, mesmo não propagandeado na imprensa, permitia-lhe alguma popularidade do seu ego; depois, porque era necessário ter a cabeça fria.

Com muita suavidade, separando a palma grosseira dos dedos meticulosamente requintados, começou a massajar os cabelos dianteiros, como um piano. Da frente para trás, não havia que enganar. Durante dois minutos, cronometrados pelo relógio que pusera em cima da sanita, a operação pressupunha calma, tranquilidade, e um conhecimento muito profundo das linhas da sua cabeça. O tempo escoou, o champô descera para as orelhas. A água, suave, percorria agora durante um minuto e vinte e cinco segundos toda a área antes intervencionada. Os químicos saíram todos. Perfeito, a postos para a segunda parte.

Nunca se compra um frasco de espuma no supermercado. E eu aí até concordo. É certo que o desenvolvimento pugnou pela qualidade do produto distribuído nas lojas, mas quem os continua a transportar é o homem. Quem, no seu perfeito juízo, me pode jurar a pés juntos que a posta de bacalhau salgado, que chegou num navio todo porco da Noruega, não esteve no mesmo departamento da espuma ou da laca que pomos no cabelo?

– Ó Jaime, vai ali repor o stock da alimentação e dos cosméticos – e estão a ver o Jaime, com a sua batina branca de dois dias, a pegar num frasco de espuma, regressar ao repositório e, agora sim, levar a posta de bacalhau para a peixaria. Não brinquem comigo, nem com o Jaime. Se assim fosse levaria uma rabecada do chefe por andar a gastar tempo e não saber fazer duas coisas ao mesmo tempo.

Meus amigos, vivemos na era da globalização. E do casamento de bactérias diversas, conhecidas no seio dos armazéns dos grandes distribuidores. Não podemos ser assim tão picuinhas, e entrar em parafuso. Mas devemos ser prudentes ao ponto de atingir a clari-vidência, comprar o produto certo, económico e ajustado às nossas necessidades, que variam de acordo com as nossas prioridades. Ouviste, Belmiro?

Eu, por exemplo, quando vou ao supermercado, geralmente opto pelo produto mais económico. Passa-se com o leite, com a fruta, iogurtes e mesmo com a carne. Porém, no gel de banho, não dou hipóteses. Posso andar aí com gastrites crónicas, na procura constante de uma casa de banho, mas cheiroso ando sempre. No gel de banho, compro sempre o produto de melhor qualidade.

Fígaro ia ainda mais longe. Mandava vir o gel de uma loja especializada de Inglaterra. Aquilo era de tal forma testado que se se transformasse em chuva, teríamos as alfaces mais bonitas e suculentas do mundo. Naquele momento, contemplou o frasco, abriu-o com suavidade para não haver desperdícios, e deixou-o respirar por uns momentos. Fígaro desprezava toalhas. Com a ajuda de uma pequena ventoinha colocada no lavatório, o excesso de água ia desaparecendo com naturalidade, até ao ponto decisivo em que as suas costas deixavam de ficar húmidas. Na nuca, a sensibilidade já estava a ser conquistada. Mais uns segundos, e tudo estaria a postos.

Se o champô tinha como ponto obrigatório não se transformar em papa, no caso do gel a realidade era bem diferente. Tinha de ficar como um bolo de arroz, com duas camadas distintas: a primeira em formato de papa; a segunda coincidente, num estado intermédio entre a pasta e a água, que se fazia sentir já na palma da mão. O “gongue” tocava outra vez. Com muita concentração, Fígaro pro-

moveu o contacto entre o cabelo e o gel, puxando com suavidade extrema os cabelos traseiros para a frente. Os da dianteira, esses, eram ligeiramente flectidos também para a frente, mas com cuidado.

Qualquer equipa vencedora precisa de um elemento que promova o desequilíbrio. Naqueles 20% norte de testa, tudo se enca-minhava para o retoque final. Quatro dedos em riste, o médio e o anelar ligeiramente em gancho. O toque na franja provocava um ar de desmazelo e de vanguarda, dando a todos a entender que o processo, afinal, era rápido e informal como o descascar de uma maçã. No fim, as partes laterais secundárias eram tocadas leve, levemente, pelos dedos ainda condimentados pelo químico, consequência ilusória do produto ventoso que ligeiramente sacudia uma bela manhã de sol de Lisboa.

Considero Lisboa o nome mais portuense de todos os tempos. Tem um “u” encrostado que lhe dá um potente sotaque nortenho. E uma das imagens de marca de Lisboa é o bairro da Madragoa, que condiria muito bem nos dizeres de uma faixa dos “Super Dragões”.

Para Fígaro, Lisboa é a Ponte 25 de Abril. É tudo. É Zihuatanejo. A sua Zihua. Todos os dias de sol, o mesmo ritual. Às vezes o silêncio e o tempo têm mais poder que mil discursos. Ainda mal Fígaro estava a pensar em dizer “Ó Justino, abra aí a capota, se faz favor”, e já o dedo do fiel motorista se encostava no gatilho electrónico. Depois, era a contemplação. Gel e água misturavam-se numa comunhão perfeita abençoada pelo vento. Uma cabeça fresca, preparada para comandar o país rumo à glória e ao desenvolvimento económico.

Vítor Diogo tinha-lhe mandado uma mensagem para o telemóvel durante a noite. Fígaro pensou que era algum recado da operadora, e nem ligou. Mas não, era mesmo importante. Ou se calhar apenas importante. Banal como o dia-a-dia de um Chefe de Estado.

Malam Tugalu, Primeiro-Ministro do Togo, estava de visita a Portugal, e era preciso apresentar-lhe cumprimentos institucionais. Neste tipo de vida, a gramática ganha uma nova dimensão, na medida em que as palavras compostas adquirem um efeito avassalador, que muda o sentido da frase. Por exemplo, um cumprimento institucional é feito entre dois representantes governativos, num gesto

retratado de igual forma por dois amigos que se cruzam na rua. Aí, nesse caso, e porque se tratam de pacóvios, utilizamos somente a palavra “cumprimento”.

Esta definição gramatical – “exacerbação do sujeito indicado”, chamemos-lhe assim – é mais saliente no uso frequente da palavra “política”. Geralmente é usada como amaciador do agressor verbal para com o agredido. Atentemos neste discurso directo:

- O que você está a fazer agora é um atentado!
- Atentado. Mas quem é que trouxe a metralhadora?
- Atentando político, um verdadeiro atentado político!

E a manhã chega sorridente à bela praia de Sines, enquanto o Rui Veloso traz um novo sargo para assar no braseiro. No final, as comadres cumprimentam-se e fazem-se planos para outro fim-de-semana bem passado, desta vez em Odeceixe, terra do actual convidado, que por acaso foge aos impostos e ganhou toda a sua fortuna à custa de uma história de herança mal contada.

Enquanto Vítor Diogo entretinha Malam Tuvalu no seu gabinete, Fígaro olhava uma última vez para o espelho. Estava bonito, caramba! Ainda por cima a gravata tinha sido bem escolhida: azul, com ligeiras bolinhas brancas, ideal para aparecer na conferência de imprensa pós-“recepção ao africano de que Fígaro nunca tinha ouvido falar”.

Era um “Ted Karapinha”. Que cabelo volumoso e musculado! Não se podia, de facto, fazer um grande trabalho estético com aquela escarumba, mas aquele estilo mais ancestral, de cabelo farto que não se perturba perante o vento, também se usava. E os óculos, feitos para pessoas que viam bem, até que davam bom ar ao ramallete. Sem dar impressão de intelectual, pelo menos o cabelo do preto estava cuidado. Tudo isto, motivos mais do que suficientes para um bom cumprimento institucional.

Já dizia Samuel Johnson que “dois homens não podem ficar juntos durante meia hora sem que um adquira evidente superioridade sobre o outro”. Malam Tuvalu e José Fígaro de Oliveira travavam um duelo atroz e impronunciável, tal como cada um de nós quando vai ao café e dá de caras com o Miguel, aquele fala-barato que

pensa que qualquer um dos seus comentários põe em “knock-out” os seus adversários.

Ambos usavam a tática do terceiro elemento. Há gente que sustenta, e de forma veemente, que o Frank Abagnale Jr. foi o maior mentiroso de sempre. Para mim, foi-o no pequeno conjunto daquilo que podemos chamar de “super-mentira”. Ou seja, tudo aquilo que é passível de ser visto, de forma universal, como mentira. Falo, por exemplo, da falsificação de documentos, da corrupção e da burla assumida. Agora pensem nas omissões que fazemos com frequência: ou porque o penteado dela não está assim tão bonito; ou porque o frango assado afinal sabe a queimado “and so on”... Todos nós somos uns grandes aldrabões e, regra geral, tomamo-nos como pessoas sérias. Mas voltemos à tática do terceiro elemento.

Quando Portugal quer impressionar o Togo, pode falar da Noruega: da aposta nórdica nas energias renováveis, do seu sistema partidário inexpugnável a burlas estatais, dos bonitos cafés pelo pôr-do-sol de Oslo e, claro, do tecido empresarial competitivo que torna aquele país uma referência no universo europeu.

Ferido com a estocada fiorde, Malam Tugalú responde com as novas apostas que o seu país está a fazer na agricultura, com base no modelo nigeriano de gestão e irrigação dos solos, a dianteira da chamada “África de vanguarda”. E na Nigéria também há um modelo urbanístico que, ao contrário do que viu em Portugal, desde o Ritz até ao Palácio de São Bento, possibilita que a paisagem se enamore do construído sem prejuízo do edificado.

O encontro teve a duração de meia hora. Para além da Noruega e da Nigéria, foram ainda dissecados óptimos modelos de desenvolvimento do Chile e da Estónia. A conferência de imprensa foi proveitosa para ambos os intervenientes, na medida em que o diálogo possibilitou uma troca de experiências extremamente enriquecedora, e com potencial sério para ser aplicado em ambos os territórios. No final, já se sabe: todos apostam nas energias renováveis.

– No fundo estamos sempre a aprender uns com os outros – disse Fígaro, em jeito de remate, antes de desaparecer nas longas cortinas e enviar um sms a Vítor Diogo, convidando-o para almoçar.

A INCRÍVEL HISTÓRIA DE UM PRIMEIRO-MINISTRO COM PROBLEMAS DE QUEDA DE CABELO

Não desmaiou. Mais forças não tinha. No reflexo, verificava ao longe que os pelos pretos eram simplesmente uma capota para toda uma zona desprotegida, perceptível à vista longínqua. Infrutífero. Impotente. Estúpido. Anos de construção de estrutura capilar desabados por um erro de cálculo. Como a casa de palha do primeiro dos porquinhos. A ilusão, que esvoaçava a sua cabeça, ria-se da falta de orientação estratégica estabelecida desde os primórdios do pente inaugural. Tanto dinheiro, meu Deus, tantas horas em frente ao espelho. Aparafusamento e desaparafusamento. Simetrias, assimetrias e equilíbrio das assimetrias. Rebeldia calculada. Era imensa a face do cataclismo. Como oceanos. Impérios. Planetas e universos. Os vômitos voltaram-lhe. Mas eram secos. Queria gritar, mas as suas cordas vocais tinham perdido a capacidade de resposta às ordens cerebrais. O som que saía? Um gemido de gárgula, proveniente da batida descoordenada gerada no esófago, faringe e língua. Era um gemido grotesco, que até abafou a brutal queda de Fígaro ao chão.
